



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**As Mulheres no Espaço Dos Homens: O Caso das Estudantes do Curso de
Engenharia Electrónica da Faculdade de Engenharia da Universidade
Eduardo Mondlane**

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos Para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Stélio Luís Macamo

Supervisor:

Dr. Adriano Maurício

Abril, 2016

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**As Mulheres no Espaço Dos Homens: O Caso das Estudantes do Curso de
Engenharia Electrónica da Faculdade de Engenharia da Universidade
Eduardo Mondlane**

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos Para a
Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Stélio Luís Macamo

Supervisor:

Dr. Adriano Maurício

Maputo, Abril de 2016

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos Para a
Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Stélio Luís Macamo

Supervisor:

Dr. Adriano Maurício

Abril, 2016

O Júri

O Supervisor

(Dr. Adriano Maurício)

O Presidente

(Dr. Chico Faria)

O Oponente

(Dr. Baltazar Muianga)

Maputo, Abril de 2016

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
EPÍGRAFE	iv
LISTA DE ACRÓNIMOS.....	v
LISTA DE TABELAS.....	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo I	5
1. Da Revisão De Literatura à Formulação do Problema de Pesquisa.....	5
Capítulo II.....	10
2. Enquadramento Teórico e Conceptual	10
2.1. Triangulação teórica: Fenomenologia Social e Manipulação da Identidade.....	10
2.2. Definição e operacionalização dos Conceitos	15
2.2.1. Estratégias	16
2.2.2. Percepção Social	17
2.2.3. Estereótipos	18
Capítulo III.....	20
3. Metodologia	20
3.1. Método de abordagem.....	20
3.2. Método de procedimentos	21
3.3. Técnicas de recolha de dados	21
3.4. Delimitação do universo.....	22
3.5. Princípios éticos observados na recolha de dados.....	22

3.6.	Constrangimentos do trabalho e formas de superação	23
	Capítulo IV	24
4.	Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados	24
4.1.	Perfil sócio-demográfico das entrevistadas	24
4.2.	Estereótipos construídos no contexto universitário acerca da presença feminina no curso de Engenharia Electrónica	26
4.3.	Percepções que as estudantes têm acerca dos estereótipos inerentes ao curso	30
4.3.1.	Estereótipo como uma construção social	30
4.3.2.	Estereótipo como uma barreira para aprendizagem	31
4.3.3.	Estereótipo como forma de esconder a incapacidade dos homens.....	33
4.4.	Estratégias de manipulação da identidade social que as estudantes usam para contornarem os estereótipos inerentes ao curso.....	35
4.4.1.	Necessidade de adopção de estratégias de manipulação da identidade social para contornar os estereótipos pelas estudantes do curso de E.E	36
4.4.2.	Estratégias de manipulação da identidade social adoptadas pelas estudantes do curso de E.E.....	37
	Considerações Finais	41
	Referências Bibliográficas	43
	ANEXO.....	47

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Stélio Luís Macamo, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso de Licenciatura em Sociologia, nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer outro grau académico, daí que os resultados desta pesquisa, constituem fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas na bibliografia todas as fontes por mim utilizadas no decorrer do trabalho de pesquisa.

(Stélio Luís Macamo)

DEDICATÓRIA

Aos meus amados e queridos pais

a razão de ser desta licenciatura.

Luís Jossefa Macamo (em memória)

e

Delfina Fabião Tovele

AGRADECIMENTOS

A luta pela licenciatura não é fácil. O caminho é longo, tortuoso, cheio de barreiras e obstáculos a primeira vista intransponíveis. Ainda que por virtude própria, disciplina, coragem não se pode chegar sozinho à meta final. A conquista só se torna possível, quando se entrega o caminho ao DEUS ALTÍSSIMO, CRIADOR DOS CÉUS E DA TERRA, e ELE coloca gente do nosso lado apoiando e dando os devidos conselhos.

Hoje, chegado ao final de tão difícil e penosa caminhada, é momento de agradecer em primeiro lugar, aquele que é a fonte de todas as coisas: AO DEUS ALTÍSSIMO, CRIADOR DOS CÉUS E DA TERRA, obrigado meu SENHOR por tudo quanto tem feito e continuará fazendo em minha vida. Em segundo lugar, agradecer ao Professor Adriano Maurício, pela crítica contundente, atenção e dedicação a mim prestadas durante a realização desta monografia.

Em terceiro lugar, quero agradecer à minha família, aos meus amigos e a todos que, pelo mais mínimo sinal de apoio e estímulo, contribuíram para a concretização deste sonho, vai a minha eterna gratidão. Tentarei aqui, citar todos pelos nomes, porém, sabendo que no mínimo é um gesto perigoso, dado ao momento em que a emoção predomina sobre a razão.

À minha mãe, Delfina Fabião Tovele e ao meu irmão Eduardo Luís Macamo, o meu mais profundo agradecimento, por terem sido aqueles que nos meus momentos de maior fraqueza e desilusão, nunca me deixaram cair e olhar para atrás, mesmo diante de meus incontáveis medos e tropeços;

À minha amada, querida e eterna namorada, Luísa Besse Zacarias Mabote, pelo amor, apoio, orações, compreensão e aconselhamentos sempre presentes;

Aos amigos e colegas da faculdade (*A Team dos Mestres*), Stélio Ernesto Chambal, Dércio Gabriel Machavate, Hermenegildo Moreira e Luís Wilson Muianga, pelos encontros de debates e discussões sociológicas. Também não me esqueço, da Virgínea Muxlhanga, Dalila Armando Tembe e Carla Quimice, pelos encontros de realização de trabalhos, o meu muito obrigado. Aos meus amigos da Igreja, em especial ao Bento Vasco Mabote, e aos membros do Grupo de Orações (G.O) e Obreiros da Igreja, vai o meu muito obrigado pelas orações e amizade. **A todos, o meu Kanimambo!!!**

EPÍGRAFE

“Deus é contigo em tudo o que fazes”. (Gênesis 21:22b)

“A educação tem raízes amargas, mas os frutos são doces”. (Aristóteles)

LISTA DE ACRÓNIMOS

E.E	Engenharia Electrónica
F.E	Faculdade de Engenharia
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados Sócio-Demográficos	24
--	----

Resumo

Neste trabalho estudamos os estereótipos que as estudantes do curso de Engenharia Electrónica (E.E), da Faculdade de Engenharia (F.E) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) sofrem dentro do contexto universitário da F.E, e as estratégias de manipulação da identidade social que adoptam para contorna-los, como forma de fazer o curso com sucesso.

Enveredamos por uma triangulação teórica, entre a teoria da Fenomenologia Social de Alfred Schutz (1979) e a teoria de Manipulação da Identidade de Evering Goffman (2004), o que nos permitiu fazer a leitura das estratégias de manipulação da identidade social, que as estudantes adoptam para contornar os estereótipos (Incapacidade intelectual e Incapacidade física) que elas enfrentam. Realizamos um estudo com uma abordagem qualitativa, onde o estudo de caso foi a estratégia de investigação. O grupo-alvo foi constituído por estudantes do sexo feminino da F.E do curso de E.E da UEM.

A interpretação de dados permitiu-nos afirmar que as estudantes do curso de E.E da UEM, sofrem estereótipos (Incapacidade intelectual e Incapacidade física), que são construídos em contexto universitário com base no patriarcado, e desde os docentes (de ambos géneros) até aos estudantes do género masculino, fazem com que os estereótipos se façam sentir dentro da F.E. E nesse sentido, as estudantes fazem uso de estratégias como, tentar corrigir a sua condição de maneira indirecta; ganhos secundários; e encobrimento; como forma de contornar os estereótipos que sofrem, e conseguem fazer o curso com algum sucesso.

Palavras-chave – *Estratégias de Manipulação da Identidade Social, Estratégias, Percepção Social, Estereótipos.*

Abstract

We study the stereotypes that students of the course Electronics Engineering (E.E), Faculty of Engineering (F.E) of the Eduardo Mondlane University (EMU) suffer within the university context, and the manipulation strategies of social identity they use to circumvented them, in order to take the course with success.

We embarked on a theoretical triangulation, between the theory of Social Phenomenology of Alfred Schutz (1979) and the theory of identity manipulation of Evering Goffman (2004), which allowed us to read the manipulation strategies of social identity, the students using to circumvent stereotypes (intellectual disability and physical disability) they face. We conducted a study with a qualitative approach where the monographic study was the strategic research, the target group was made up of EMU E.E students.

The interpretation of data allowed us to say that the students of the E.E course of EMU suffer stereotypes (intellectual disability and physical disability), which are built in a university context based on patriarchy, and from teachers to students make stereotypes to make itself felt within the F.E. And in that sense, the students make use of strategies to try to correct his condition indirectly; secondary gains; and cover-up; to overcome stereotypes suffering as a way to be able to finish the course with some success.

Keywords - *Manipulation Strategies of Social Identity, Strategy, Social Perception, stereotypes*

Introdução

Segundo Nascimento *et al.* (s.d) a opção do curso superior, pode ser vista como uma das etapas mais conflituantes na trajetória escolar, uma vez que esta etapa assume a responsabilidade da definição das futuras experiências académicas e profissionais dos indivíduos. Porém, na sociedade (incluindo a moçambicana) existe uma percepção de que a opção por um determinado curso, é influenciada pelo género. Isto é, existem cursos para homens (ex: Engenharia) e cursos para mulheres (ex: Ciências Sociais e Médicas). (Santos *et al.*, s.d; António e Hunguana, 2013; e Barbosa, 2008)

Além deste entendimento (de que a opção pelo curso é influenciada pelo género), há um outro, que defende que, a não satisfação das expectativas (papéis sociais) inerentes ao género, tem como consequência a criação de estereótipo, isto é, a mulher ou o homem ao não fazer o que se espera dentro dum determinado contexto social, sofrerá consequências (estereótipos). Em sociedade, espera-se que as mulheres não optem pelos cursos de engenharia, na medida em que são tidos como espaços de domínio masculino, e a presença de mulheres nesse espaço masculino acarretará para as mesmas um conjunto de estereótipos, na medida em que, elas estão num lugar que se espera que não estejam. (Cardoso *et al.*, 2014; Pinto *et al.*, 2014; e Saavedra, 2009)

Sem querer menosprezar os pensamentos acima expostos, no nosso entender há uma outra perspectiva, que apesar de ser interessante ainda não foi explorada. Que é, a de procurar compreender, por parte das mulheres que fazem os cursos de engenharia, como é que elas fazem para contornar os estereótipos que são construídos dentro do próprio contexto universitário, para conseguirem fazer o curso com sucesso.

Neste trabalho nos propusemos, a contextualizar o tema na realidade moçambicana. Isto é, tomando em consideração que o curso de Licenciatura em Engenharia Electrónica (E.E), leccionado pela Faculdade de Engenharia (F.E) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), segundo Cardoso *et al.* (2014) e António e Hunguana (2013) faz parte do leque de cursos tidos como sendo de homens, e também é um dos cursos com menos estudantes do género feminino, em relação a estudantes do género masculino, procuraremos compreender como é que as estudantes do género feminino deste curso, fazem para contornar os estereótipos que são construídos dentro do contexto universitário, a volta sua presença no curso, para conseguirem fazer o curso com sucesso.

Para este trabalho, estereótipos são tidos como crenças rígidas construídas socialmente e que são baseadas no género, que servem para discriminar e oprimir socialmente os indivíduos (estudantes do género feminino), usando como base generalizações e especificações. (Johnson, 1997; Lakatos e Marconi, 2006; e Nogueira e Saavedra, s.d).

No nosso entender, a questão da construção dos estereótipos em contexto universitário, está em estreita ligação com a questão da socialização, e da continuidade da socialização primária na socialização secundária, na medida em que, na sociedade moderna a escola tornou-se num agente de socialização e legitimação dos conhecimentos de instituições tradicionais, como a família e a religião. (Cherkaoui, 1994).

Segundo Schutz (1979) os indivíduos têm *estoque de conhecimento* à mão, que é comumente partilhado servindo como um recurso, que permite aos indivíduos agirem quotidianamente em cada situação “à mão” em função dos seus interesses. Isto é, os indivíduos no seu quotidiano, agem de acordo com o conhecimento que têm, sobre uma determinada situação social e seus interesses.

Sendo que a acção racional, pressupõe uma escolha (estratégia de manipulação da identidade social) entre dois ou mais meios para se chegar a um fim (fazer o curso com algum sucesso), ou mesmo entre dois fins diferentes, há necessidade de selecção do mais apropriado, tal como nos mostra Schutz (1979) e Goffman (2004).

No presente trabalho temos como objectivo principal ou geral, compreender como é que as estudantes do curso de Engenharia Electrónica contornam os estereótipos construídos no contexto universitário a volta da sua opção pelo curso, para conseguirem fazê-lo com sucesso.

Quanto aos objectivos específicos, temos a) Indicar os estereótipos construídos no contexto universitário acerca da presença feminina no curso de Engenharia Electrónica; b) Captar as percepções que as estudantes têm acerca dos estereótipos inerentes ao curso; c) Identificar as estratégias que as estudantes usam para contornar os estereótipos e inerentes ao curso; e d) Descrever como é que as estudantes do curso de Engenharia Electrónica transpõem os estereótipos construídos a volta da sua opção pelo curso para conseguirem fazer o curso com sucesso.

Com o intuito de compreender como é que as estudantes do curso de Engenharia Electrónica, fazem para contornar os estereótipos que são construídos dentro do contexto universitário, a volta sua presença no curso, para conseguirem fazer o curso com algum sucesso, fazemos uso das propostas teóricas de Schutz (1979) Goffman (2004), porque estes explicam o processo da criação de estereótipos e as estratégias para o seu contorno. Desse modo, nos questionamos *de que forma as estudantes do curso de Engenharia Electrónica contornam os estereótipos construídos no contexto universitário a volta da sua opção pelo curso, para conseguirem fazê-lo com sucesso?*

Para orientamos o nosso estudo, adoptamos como resposta a este problema a seguinte ideia, *as estudantes do curso de Engenharia Electrónica, para contornar os estereótipos que são construídos no contexto universitário a volta da sua opção pelo curso, agem de acordo com o conhecimento que têm sobre a situação social em que se encontram e seus interesses, adoptando estratégias de manipulação da identidade social na Faculdade.*

No entanto, entendemos como *estratégias de manipulação da identidade social*, um conjunto de acções alternativas, que surgem como resposta a alguma restrição causada pela não satisfação de expectativas baseadas nas diferenças entre os sexos e na tradição (estereótipo) imposta pelas condições objectivas do contexto social específico, e que são produto de acções conscientes e orientadas para determinados fins ou objectivos. (Sant'Ana e Artigiani, 2002)

Sob ponto de vista da *relevância sociológica* do estudo do contorno dos estereótipos pelas estudantes de E.E, podemos apontar alguns pontos que justificam a sua escolha. As condições das sociedades contemporâneas oferecem um óptimo campo de estudo para temas desta natureza, na medida em que, de acordo com Touraine (2006), as sociedades vivenciam uma busca de imposição de representações por parte das instituições e uma rejeição destas representações por parte dos indivíduos que procuram construir-se como actores sociais, e defensores da sua autonomia.

Estas indicações, introduzem a relevância da problematização da realidade universitária nacional na qual nos encontramos, procurando por um lado, compreender como é que as instituições científicas impõem as representações sociais, e por outro lado, compreender como é que os indivíduos (estudantes) que procuram se construir como actores sociais reagem a essa imposição.

O trabalho apresenta uma estrutura sequenciada em capítulos. Sem ser necessariamente um capítulo, em primeiro lugar apresentamos a introdução, onde mostramos a nossa inquietação e a forma como iremos responde-la. No primeiro capítulo apresentamos a revisão da literatura, onde, com recurso a recolha bibliográfica, desenvolvemos uma discussão em torno da forma como tem sido abordada a realidade sobre a entrada de estudantes do género feminino em cursos tidos como de homens. Esta discussão permite a construção do nosso problema de pesquisa.

No segundo capítulo trazemos o enquadramento teórico e conceptual que escolhemos. Apresentamos e justificamos a opção pela triangulação teórica, definimos e operacionalizamos os conceitos de estratégias, percepções sociais, e estereótipos.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia dentro da qual definimos e justificamos as escolhamos dos métodos e técnicas para a realização deste trabalho. Definimos a nossa opção pela abordagem qualitativa, trazemos como método de abordagem o indutivo, como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada e a técnica de bola de neve aliada, a intencional para definição e identificação do nosso grupo-alvo.

No quarto capítulo apresentamos a análise, interpretação e discussão dos dados de campo. O conteúdo deste capítulo, é constituído pelo perfil sócio-demográfico das entrevistadas; pelos dados referentes aos estereótipos construídos no contexto universitário acerca da presença feminina no curso de Engenharia Electrónica; apresentamos as diferentes percepções que as estudantes têm acerca dos estereótipos inerentes ao curso; e expomos os dados referentes às estratégias que as estudantes usam para contornar os estereótipos inerentes ao curso.

Na parte final, sem no entanto constituir um capítulo, apresentamos as considerações finais onde concatenamos todos aspectos constituintes deste trabalho, desde a proposta que trouxemos na introdução, ao que foi analisado, interpretado e discutido ao longo do desenvolvimento. Como elementos pós-textuais, apresentados as referências bibliográficas de todos os estudos, artigos e obras que foram por nós usadas, e por fim, o guião de entrevista.

Capítulo I

1. Da Revisão De Literatura à Formulação do Problema de Pesquisa

Neste capítulo do trabalho, pretendemos apresentar de forma sumária o conjunto de autores cujos pensamentos, foram úteis para a formulação da nossa questão de pesquisa. Nesse sentido, dividimos a revisão de literatura em duas perspectivas, a primeira que olha o género como tendo influência na opção do curso superior, isto é, as mulheres e os homens escolhem os cursos tendo em consideração as expectativas que se têm em relação ao seu sexo, cujos defensores são: Santos *et al.* (s.d); António e Hunguana (2013); Barbosa (2008). A segunda perspectiva, defende que, mais do que o género ter influência para escolha do curso superior, existem estereótipos para aqueles que não satisfaçam as expectativas, isto é, todo aquele que escolher um curso que não vá de acordo com a expectativa esperada¹, sofrerá um estereótipo como consequência da sua opção pelo curso, cujos defensores são: Cardoso *et al.* (2014); Pinto *et al.* (2014); e Saavedra (2009).

Quanto a primeira perspectiva, a que olha o género como tendo influência para opção do curso superior, Santos *et al.* (s,d) perceberam que ainda, nos dias de hoje, as mulheres procuram cursos com maior aceitação feminina, e os homens com maior aceitação masculina, e que os mesmos, de forma inconscientemente foram direccionados pela questão do género e pelo modelo familiar tradicional que cada um possui.

Os autores salientam que, apesar da aparente igualdade existente hoje, entre os homens e as mulheres, nota-se a presença dos reflexos do preconceito criado na antiguidade, quando vê-se que a maioria das mulheres ainda cursa faculdades que têm maior clientela feminina. A questão do género ainda é, um factor pertinente pra a opção pelo curso superior. (*Idem*)

Os autores concluem que, o género influencia a escolha profissional, na medida em que o género é fruto de uma construção que é alimentada pela socialização e por factores socioculturais que se reflecte em decisões quotidianas dos estudantes. (*Idem*, s.d, p. 17)

¹ Aqui deve-se ter em consideração a questão do género, na medida em que, refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. (Cabral e Díaz, 1998)

No mesmo pensamento (o género como tendo influencia para opção do curso superior) do Santos *et al.* (s,d), António e Hunguana (2013) constataam que, o homem está em maior número em relação a mulher nos cursos de engenharia (área tida, tradicionalmente como *masculina*), e aponta o factor género como importante para tal constatação.

Para além do homem estar em maior número em relação a mulher, existe uma disparidade no que concerne a participação da mulher em cursos tidos como masculinos (como Engenharia Electrónica), onde há uma tendência que mostra pouca participação das mulheres. Os entrevistados avançaram várias razões para este comportamento nas engenharias, e uma das principais, é a influência que a família e o meio em que vive o estudante exercem na escolha do curso. (*Idem*)

Salientam António e Hunguana (2013) que, este aspecto está ligado à construção das identidades de género na família, que liga-se de forma directa às expectativas que a família e a sociedade têm nas mulheres. Nesse sentido, a escola por orientar as raparigas para cursos de Ciências Sociais onde a sua *feminidade* encontra maior conforto, acaba por *perpetuar e reproduzir* as desigualdades de género.

No mesmo diapasão que os autores acima, Barbosa (2008) defende que as carreiras técnicas não são prioridades na escolha do curso universitário, por parte das mulheres, na medida em que, a socialização primária impregnou que existem cursos iminentemente masculinos e femininos, e como consequência, as mulheres continuam a escolher as profissões consideradas femininas (ex: ciências sociais).

O autor avança que, essa escolha pode estar relacionada com outras variáveis, tais como: o meio e o momento em que se vive; as condições económicas e sociais, além das relações de género condicionantes da socialização de homens e de mulheres e da sua formação identitária. (*Idem*)

Por outro lado, temos a segunda perspectiva que defende que, mais do que o género ter influencia para escolha do curso superior, defende que, quem escolher um curso que não vá de acordo com a expectativa esperada, sofrerá um estereótipo como consequência da sua opção pelo curso. Nesse sentido, Pinto *et al.* (2014) defendem que, do mesmo modo que as mulheres quando ingressam em áreas tipicamente masculinas, também os homens quando incorporam profissões tipicamente femininas enfrentam um conjunto de estereótipos de género. A discriminação profissional é um problema feminino, bem como masculino, pois ambos os sexos experienciam

estereótipos negativos quando se afastam dos seus campos sexuais tido como culturalmente aceites.

Contudo, com a entrada das mulheres na força de trabalho e em algumas actividades tradicionalmente reservadas aos homens, tem vindo a existir um ajustamento nos papéis de género, porém, as mulheres que se aventuram em cursos de engenharia, sofrem estereótipos. (*Idem*)

No mesmo pensamento, Cardoso *et al.* (2014) evidenciam que apesar de a maioria dos homens demonstrar não ter nenhuma dificuldade em trabalhar com mulheres, ainda há discriminação no que diz respeito à capacidade das mulheres, no que tange a realização de tarefas consideradas de competência do sexo masculino na engenharia.

Os autores salientam que, um dos principais motivos que impede a participação de mulheres na área de engenharia, é a existência de o estereótipo de ser um trabalho “pesado” na medida em que, exige muita força física e mental, e, portanto, é um trabalho reservado para homens. Os autores salientam que, há uma necessidade de compreender a participação de mulheres em cursos tidos como sendo femininos, como uma tentativa de adequação às expectativas que a sociedade no sentido geral, tem do seu comportamento aquando da sua opção pelo curso, na medida em que, se fizer o contrário (isto é, o que não se espera dela), sofrerá um estereótipo que deriva da sua opção. (*Idem*, 2014)

E por fim, Saavedra (2009), defende que é evidente que o género ainda influencia de forma decisiva na opção do curso universitário, na medida em que existe uma forma de socialização diferenciada para a mulher e para o homem. E como consequência, as mulheres evitam os domínios de actividades associadas as ciências exactas (principalmente Engenharia, Matemática, Física), e orientam-se para áreas associadas as letras (Psicologia, Medicina, Serviço Social) que estão ligadas a questão do cuidar, que é derivado da forma de socialização.

A autora avança defendendo que a questão das expectativas de papel de género, desempenham uma função social, na medida em que quando uma pessoa não cumpre o seu papel social, existem mecanismos de controlo social (estereótipos) que fazem com os indivíduos infractores voltem a cumprir o seu papel. Salienta que, as mulheres que optam por um curso de Engenharia, frequentemente sofrerão uma discriminação que tem haver, com criação de estereótipos, por causa da sua opção pelo curso. Isto é, a sociedade (estudantil) faz de tudo para lhe mostrar que

está num lugar errado, e que o seu lugar é nas ciências sociais ou médicas, por causa da dimensão de cuidado. (*Idem*)

Nesta fase, nos dedicaremos a uma análise e crítica dos estudos acima apresentados, e nos posicionaremos dentro do debate existente. Salientar que, quanto a concordância de pensamento entre os estudos de, Santos *et al.* (s.d) e António e Hunguana (2013); Barbosa (2008); Cardoso *et al.* (2014); Pinto *et al.* (2014); e Saavedra (2009), num sentido geral concordam no que tange a influência do género na opção pelo curso superior, e também, concordam que há uma construção social de papéis, na medida em que a socialização que é dada ao homem e a mulher é diferente.

Os estudos acima apresentados, divergem no que tange a existência de estereótipos inerentes a diferentes expectativas criadas de acordo com o sexo, cujos defensores são Cardoso *et al.* (2014); Pinto *et al.* (2014); e Saavedra (2009). Salientar que, os autores defendem que aquando da opção pelo curso universitário, as mulheres têm em consideração a existência de expectativas criadas a volta da sua opção, na medida em que, há probabilidade da haver estereótipos com o propósito de mostrar que a mulher está a frequentar um curso que não deveria estar a frequentar.

Não obstante os estudos de Santos *et al.* (s.d); António e Hunguana (2013); Barbosa (2008); Cardoso *et al.* (2014); Pinto *et al.* (2014); e Saavedra (2009), tocarem de forma significativa a questão do género como tendo uma grande influência para a opção pelo curso superior, o que se revela, na presença da mulher em número muito inferior que o homem em cursos de engenharia; e também fazerem menção a questão da criação de expectativas (papéis sociais) que devem ser satisfeitas, porque a não satisfação das mesmas acarreta como consequência, a criação de estereótipos.

Porém, no nosso entender, tendo em consideração que existem mulheres que fazem cursos de engenharia, e há estereótipos que são criados pela não satisfação de expectativas de ser mulher, entendemos que estes estudos não procuram compreender, como é que essas mulheres conseguem contornar as barreiras criadas pelos estereótipos para conseguirem sobreviver dentro do contexto universitário que é hostil para elas, e fazerem o curso com sucesso. O sentido empregado, para a compreensão da expressão *fazer o curso com sucesso*, é de que as estudantes consigam transitar todas as cadeiras semestrais, sem ser importante a nota com que transitam.

Tendo em consideração que o curso de Licenciatura em Engenharia Electrónica (E.E), leccionado pela Faculdade de Engenharia (F.E) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), faz

parte do leque dos cursos tidos como sendo de homens, procuraremos compreender como é que as estudantes deste curso, fazem para contornar os estereótipos construídos em contexto universitário acerca da sua opção por este curso, para conseguirem fazer o curso com sucesso.

Capítulo II

2. Enquadramento Teórico e Conceptual

Neste capítulo, construímos o nosso quadro teórico e conceptual, com o objectivo de esclarecer o referencial a partir do qual, vemos como é que as estudantes do curso de E.E contornam os estereótipos para fazerem o curso com sucesso. Temos assim, duas secções. A primeira secção, é reservada a apresentação dos principais pontos das teorias que são o nosso suporte. A segunda secção, está reservada a definição e operacionalização dos conceitos que, estão em relação com o quadro teórico, pois, possibilitam a delimitação da realidade sobre a qual incidimos.

2.1. Triangulação teórica: Fenomenologia Social e Manipulação da Identidade

O nosso quadro analítico é interacionista, e é a Teoria de Fenomenologia Social de Alfred Schutz (1979) e a Teoria de Manipulação da Identidade de Evinger Goffman (2004).

Segundo Carvalho (2010) a perspectiva interacionista simbólica, tem suas raízes na Sociologia e na Psicologia Social, e possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objectos e as outras pessoas com as quais interagem. Autores como Kanter (1972) e Hall (1987) argumentam acerca da utilidade e da importância do interaccionismo simbólico no estudo da vida social, por apresentar uma percepção dos indivíduos como capazes de utilizar seu raciocínio e seu poder de simbolização para interpretar e adaptar-se flexivelmente às circunstâncias, dependendo do modo como eles mesmos venham a definir a situação.

Nesse sentido, a teoria de Schutz (1979) nos ajuda a compreender o processo de construção de estereótipos, e a existência de conhecimento sobre situação social que irá encontrar no contexto universitário, por parte das estudantes do curso de E.E da UEM, e também da existência de uma necessidade de adoptar estratégias para contornar a situação social de estereótipo que existe na F.E, como forma de fazer o curso com sucesso.

Porém, a teoria de Schutz (1979) não esclarece quais são as estratégias que podem ser adoptadas pelas estudantes, como forma de contornar os estereótipos que sofrem dentro do contexto universitário; e nesse sentido, justifica-se a triangulação teórica, isto é, faremos também uso da teoria de manipulação da identidade de Goffman (2004), pois ajuda-nos a descrever e explicar de

forma clara quais são as estratégias utilizadas pelas estudantes de E.E da UEM, para contornar os estereótipos e fazerem o curso com sucesso.

Teoria de Fenomenologia Social de Alfred Schutz².

Schutz está preocupado com as estruturas do mundo vida, que se manifestam no conhecimento produzido socialmente, e que permite aos indivíduos interpretarem-se a si mesmo e aos outros, bem como o seu mundo social. É com este objectivo que ele constrói o seu pensamento, ou seja, a fenomenologia social de Schutz tem como tarefa explicitar o mundo vida, transcendendo a atitude natural. (Schutz, 1979)

A consciência dos indivíduos é sobre o *mundo vida*, que é todo o campo das experiências quotidianas, das acções através das quais os indivíduos buscam seus interesses. Trata-se de um mundo intersubjectivo comum a todos “nós”, no qual não temos um interesse teórico mas um interesse eminentemente prático. (*Idem*, p. 72). Este conceito, refere-se a realidade na qual as estudantes se circunscrevem e agem, permitindo-nos perceber que as percepções e o agir das estudantes face aos estereótipos, ocorrem nas suas interacções quotidianas na Universidade.

Segundo Schutz (1979), os indivíduos agem, interagem e interpretam a sua realidade do *mundo vida* com base no *estoque de conhecimento* que eles têm “à mão”, sendo que, *estoque de conhecimento* é o conhecimento que toda a sociedade disponibiliza voluntariamente aos indivíduos, permitindo-lhes dar sentido e captar as significações subjectivas das suas acções e dos outros no *mundo vida*.

O *estoque de conhecimento* “à mão” é comumente partilhado e é o recurso que permite os indivíduos agirem quotidianamente em cada situação em função dos seus interesses. (*Idem*, p. 72). De acordo com Schutz (*Idem*, p. 70) a compreensão do comportamento dos outros fenomenologicamente, é feita através de um processo de *tipificação*, pelo qual o actor aplica esquemas interpretativos, apreendidos para saber o significado das acções dos outros e em função disso adequar a “sua” *conduta*.

² Cfr. Schutz, Alfred. *A Fenomenologia e relações sociais*: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Schutz considera a *acção*, como sendo uma atitude consciente e voluntária empreendida por um sujeito dotado de intencionalidade. Neste âmbito, a acção social, emerge como fio condutor da pesquisa fenomenológica social, assumindo, deste modo, um papel central na mesma. A acção social é a prática da intencionalidade da consciência humana a partir da orientação para o outro, ou seja, o ser humano sabe que sua acção não impacta somente a si mesmo, mas também os outros. (Schutz, 1979, p. 75)

A acção racional pressupõe uma escolha, entre dois ou mais meios para se chegar a um fim, ou mesmo entre dois fins diferentes, e a selecção do mais apropriado. Esta questão da escolha ligada a acção racional orientada para objectivos. (Schutz, 1979)

Esse conceito relaciona-se com o acto da reflexão desenvolvida pelo homem antes de agir. Este projecta a sua acção no futuro, e procura a melhor maneira de executá-la para alcançar o fim desejado. Nesse ponto, ele confronta-se com a dúvida entre as possibilidades existentes para concretização de sua acção. (Schutz, 1979)

Aprofundando seus estudos sobre a projecção e liberdade de escolhas intrínsecas à acção social, Schutz (1979) verifica a existência de dois tipos de motivos presentes nessa acção, o *motivo para* e o *motivo porque* de sua execução. Os “motivos para”, geralmente, evidenciam a existência de um projecto de vida do sujeito, uma projecção do futuro, ou seja, a acção está ligada a um plano futuro. Esse plano é elaborado com base “no estoque do conhecimento”, em especial, fundamentado em experiências passadas semelhante ao projecto actual. (*Idem*, 1979)

Por sua vez, os “motivos porque” da acção social são acontecimentos já concluídos na vida do actor social. Eles explicam certos aspectos da realização do projecto, portanto, têm uma realidade temporal voltada para o que já ocorreu. A partir dessa investigação da acção social, Schutz (1979) propõe a construção de tipos ideais, um enquadramento específico para dar relevo à diversidade dos fenómenos sociais. Esse tipo centra-se no processo da conduta da acção. A compreensão do tipo ideal se deduz em uma forma característica do “motivo para” e o “motivo porque” de um acto manifesto através da identificação da meta e da justificativa constantemente objectivada para o acto. (Schutz, 1979)

*Teoria de Manipulação da Identidade de Eving Goffman*³

Esta teoria ocupa-se especificamente, com a questão dos *contactos mistos*, isto é, os momentos em que os estereotipados e os normais estão na mesma *situação social*, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea em uma reunião informal. (Goffman, 2004, p. 14).

Fazemos uso desta teoria, na medida em que segundo Goffman (2004, p. 7) o estereótipo é tipo de estigma, isto é, está dentro do estigma, e sendo que enquadra-se na tipologia *das culpas de carácter individual*, que são percebidas como crenças falsas e rígidas. O conceito de estereótipo utilizado nesta monografia, enfatiza a questão das crenças rígidas baseadas nas expectativas criadas segundo o sexo, que servem para discriminar e oprimir socialmente os indivíduos, usando como base generalizações e especificações.

Segundo Goffman (2004, p. 5) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada categoria social. E os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, isto é, a sua *identidade social*. Baseando-se nessas pré-concepções, os actores sociais as transformam em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso.

Goffman (2004) acredita que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: *a real e a virtual*. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm, para com o estranho que aparece a sua volta, portanto, são exigências e imputações de carácter, feitas pelos normais, quanto ao que o estranho deveria ser. Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Em Goffman (2004) *Estigma* é uma situação em que indivíduo está inabilitado, para a aceitação social plena em um determinado ambiente social. Porém, salienta-se que a característica (defeito)

³ Cfr. Goffman, Eving. *Notas Sobre A Manipulação Da Identidade Deteriorada*. 4ª Edição, Editora Vozes. 2004

que o actor social apresenta ou tem, é que constitui um estigma, na medida em que, é o que fará com que o actor social não tenha aceitação social plena, em determinados ambientes sociais, em que se tenha estabelecido que actores que tenham tal característica, não sejam encontradas nesses ambientes. (p. 4-5).

O processo de estigmatização, pode variar de acordo com a evidência e a exposição das características do indivíduo. Goffman (2004) caracteriza dois tipos de grupos de indivíduos de acordo com seu estereótipo: *o desacreditado* e *o desacreditável*. O indivíduo desacreditado possui características distintas em relação aos normais, sendo estas conhecidas e perceptíveis por estes. O desacreditável também possui características distintas das dos normais, mas nem sempre conhecidas e percebidas por eles. Essas duas realidades podem encontrar-se respectivamente na relação estigmatizados e normais.

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as *abominações do corpo* - as várias deformidades físicas. Em segundo, *as culpas de carácter individual*, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, *há os estigmas tribais de raça, nação e religião*, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (*Idem*, p. 7)

Ao rever a sua própria carreira moral, o estigmatizado pode escolher e elaborar retrospectivamente as experiências que lhe permitem explicar a origem das crenças e práticas que ele agora adota em relação a seus iguais e aos normais. (Goffman, 2004, p. 36). Mediante a situação de não-aceitação social, derivado de estar num ambiente social hostil, o estigmatizado adota um conjunto de estratégias com vista a manipulação a sua identidade social.

A manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o "perfil" de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao carácter; a estereotipia está classicamente reservada para fregueses, orientais e motoristas, ou seja, pessoas que caem em categorias muito amplas e que podem ser estranhas para nós. (p. 46).

O indivíduo estereotipado pode, também, tentar *corrigir a sua condição de maneira indirecta*, dedicando um grande esforço individual ao domínio de áreas de actividade consideradas,

geralmente, como fechadas, por motivos físicos e circunstanciais, a pessoas com o seu defeito. Ou também, o estigmatizado usará, provavelmente, o seu estigma para *ganhos secundários*, como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões. Isto é, o indivíduo estereotipado pode utilizar sua desvantagem como uma base para organizar sua vida, mas para consegui-lo deve-se resignar a viver num mundo incompleto. (*Idem*).

Segundo Goffman (2004) é óbvio que uma das estratégias é *esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estereótipo*. Quando o estereótipo de um indivíduo se instaura nele durante a sua estadia numa instituição, e quando a instituição conserva sobre ele uma influência desacreditadora durante algum tempo após a sua saída, pode-se esperar o surgimento de um ciclo específico de encobrimento.

Uma outra estratégia de *encobrimento* é apresentar os signos de seu estigma como signos de um outro atributo que seja um estigma menos significativo. Uma estratégia amplamente empregada pelo sujeito desacreditável é manusear os riscos, dividindo o mundo em um grande grupo ao qual ele não diz nada e um pequeno grupo ao qual ele diz tudo e sobre o qual, então ele se apoia; ele coopta para exibir sua máscara precisamente àqueles indivíduos que, em geral, constituiriam o maior perigo. (*Idem*, pp. 81-83).

2.2. Definição e operacionalização dos Conceitos

Esta secção é reservada a discussão e operacionalização de três conceitos que, constituindo base para a delimitação dos factores da realidade social, interferem na realidade dentro da qual se insere o nosso objecto, isto é, auxiliam na sua compreensão. O objectivo desta discussão não se limita na identificação dos conceitos, mas também na demonstração do sentido através do qual aplicamos estes conceitos de modo a limitar o campo de compreensão. Trazemos assim, os conceitos de estratégias, percepção social e estereótipos.

2.2.1. Estratégias

O conceito de estratégias são de carácter polissémico, o que faz com que seja usado corriqueiramente em várias acepções. Este conceito de estratégias, teve a sua origem no ambiente militar, tendo actualmente extravasado este campo. (Camargo e Dias, 2003)

Na área académica, há duas correntes que são identificadas e colocadas à discussão por apresentarem, em princípio complementaridade, ficando a maior diferença no enfoque: um ao indivíduo ou grupo (informal) e outro à organização (grupo formal). Vale ressaltar que estas correntes se encaixam em áreas de conhecimento distintas. Os estudos de estratégias cujo enfoque é o indivíduo são, geralmente, objecto da sociologia e os estudos de estratégias de organizações está geralmente associado à gestão empresarial, na administração. (Artigiane e Arrais, s.d)

Sant'Ana e Artigiani (2002) *apud* Artigiane e Arrais, (s.d) definiram estratégias como acções, reacções, alternativas ou adaptações, referentes a alguma restrição imposta pelas condições objectivas da vida; que tendem a ser edificadas com base em suas tradições e nem sempre são produto de acções conscientes e orientadas para determinados fins. As estratégias estão relacionadas não apenas a uma construção individual, mas pode referir-se a um grupo mais amplo.

No presente trabalho, usaremos o conceito de estratégias como sendo acções, reacções, alternativas ou adaptações, referentes a alguma restrição imposta pelas condições objectivas da vida; que tendem a ser edificadas como respostas a bases tradicionais e são produto de acções conscientes e orientadas para determinados fins. (Sant'Ana e Artigiani, 2002)

No entanto, entendemos como *estratégias de manipulação da identidade social*, um conjunto de acções alternativas, que surgem como resposta a alguma restrição pela não satisfação de expectativas baseadas nas diferenças entre os sexos e na tradição (estereótipo) imposta pelas condições objectivas do contexto social específico, e que são produto de acções conscientes e orientadas para determinados fins ou objectivos. (Sant'Ana e Artigiani, 2002). Estes conceitos nos ajudam a compreender os caminhos empreendidos pelas estudantes, para conseguirem contornar os estereótipos que sofrem em contexto universitário.

2.2.2. Percepção Social

Sternberg (2002) apresenta-nos duas teorias principais da percepção social, a saber: a) Percepção social construtiva, onde o indivíduo que percebe, cria uma percepção de um estímulo, usando as informações sensoriais para fundamentar a estrutura e outras fontes de informação. Assim trata-se de uma percepção racional. b) Percepção social directa, esta se restringe às informações dos receptores sensoriais, incluindo o ambiente.

Ainda dentro do campo da psicologia social, Rodrigues, quando apresenta o conceito de percepção social, aponta alguns factores que influenciam a percepção social, nomeadamente: a selectividade perceptiva; o condicionamento; a experiência prévia; e os factores contemporâneos aos factores perceptivos. (Rodrigues, 1975, p. 224).

Entretanto, o factor contemporâneo pode-se traduzir em fenómenos de defesa perceptiva ou de acentuação perceptiva. Todavia, em Rodrigues (1975), no primeiro caso, o indivíduo tende a bloquear na consciência os estímulos emocionalmente perturbadores; por outro lado, em relação a acentuação perceptiva, esta resgata os estímulos positivos e simbólicos já associados.

Por seu turno Berger e Luckmann (2003), não se distanciando da perspectiva de Rodrigues (1975) consideram que, a percepção social é a interpretação subjectiva que os indivíduos fazem da realidade. Ela consiste na relação existente entre o pensamento e o contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Neste sentido, a percepção social não é uma mera interpretação dos indivíduos sobre uma realidade por eles enfrentada no quotidiano, ela é influenciada pelo contexto social, pelas particularidades da personalidade do indivíduo, pelos desejos e sentimentos, pela sua atitude em relação ao objecto percebido, pelas suas necessidades, pelas crenças, valores, pelos interesses, pelas aspirações e pela experiência de vida que foram adquiridas ao longo do tempo (Berger e Luckmann, 2003). Para este trabalho, definimos o conceito de percepção social como a interpretação subjectiva que os indivíduos fazem de uma determinada realidade, que é influenciada pelo contexto social e pela experiência que forma adquirindo ao longo do tempo. Este conceito nos ajuda a compreender, as várias visões existentes acerca dos estereótipos dentro do contexto universitário.

2.2.3. Estereótipos

Segundo Maia (2002) estereótipo refere-se a representação de um objecto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objectiva, e que é partilhada pelos membros de um grupo social. Esta imagem ou representação surge de forma espontânea, sempre que se fala de um determinado objecto.

Entretanto Johnson (1997) defende que o estereótipo é uma crença rígida, aplicada tanto a uma categoria inteira de indivíduos ou a cada indivíduo da mesma categoria. Os estereótipos constituem a base do preconceito, que é usado para discriminar, ou ter atitudes negativas ou positivas. Importa salientar que, os estereótipos podem não só positivos, mas também negativos. Salienta Johnson (1997) que os estereótipos são usados frequentemente para a opressão social baseada na raça, sexo, etnicidade e idade.

Num outro sentido, Lakatos e Marconi (2006) defendem que os estereótipos baseiam em características não comprovadas e não demonstradas, atribuídas a pessoas, coisas e situações sociais, mas que na realidade não existem. Os principais estereótipos referem-se a classe, etnia, sexo e religião. Salientam que, a formação de estereótipos favoráveis ou desfavoráveis depende principalmente da posição social e cultural dos indivíduos e dos grupos.

Segundo Lakatos e Maconi (*Idem*), os estereótipos se desenvolvem por generalização e por especificação. Por generalização, entende-se como um processo mental através do qual tendemos a associar, a toda uma categoria de pessoas, certas características que uma ou poucas pessoas conhecidas possuem. A especificação, consiste na atribuição a determinada pessoa das qualidades ou defeitos considerados pertencentes a todas as pessoas da mesma categoria. É o inverso da generalização.

Segundo Nogueira e Saavedra (s.d), resumidamente, poder-se-ia dizer que os estereótipos sociais são generalizações acerca dos membros de certos grupos e que derivam predominantemente, de uma instância do processo cognitivo da categorização. Os estereótipos servem, de uma forma geral, para fazer ilações acerca de grupos baseados na idade, nacionalidade, etnicidade, raça, género, classe social, profissão, estatura física, orientação sexual, entre outras. O primeiro objectivo dos estereótipos é o de simplificar e organizar um meio social complexo, tornando-o menos ambíguo. Mas eles servem também, para justificar a discriminação de grupos e gerar preconceitos.

Por fim as autoras salientam que, toda a cultura possui inúmeros estereótipos positivos ou negativos, onde determinadas pessoas podem ser classificada pelos seus componentes, de acordo com as qualidades ou defeitos imaginários atribuídos a sua categoria. (*Idem*). Para este trabalho, estereótipos são crenças rígidas construídas socialmente e que são baseadas no género, que servem para discriminar e oprimir socialmente os indivíduos (estudantes do género feminino), usando como base generalizações e especificações. (Johnson, 1997; Lakatos e Marconi, 2006; e Nogueira e Saavedra, s.d).

Capítulo III

3. Metodologia

Nesta secção do trabalho, iremos proceder com a escolha dos caminhos a seguir para alcançar o nosso objectivo. Assim, vamos seguir com a escolha do método de abordagem, de procedimentos, as técnicas de recolha de dados e a delimitação do universo, dentro do qual iremos extrair a mostra, com a qual vamos trabalhar para a obtenção dos dados.

3.1. Método de abordagem

O método seleccionado é o indutivo, que consiste em estabelecer uma cadeia de raciocínio em conexão ascendente, ou seja, do particular para o geral, e onde as constatações particulares é que levam às teorias gerais. (Andrade, 2006). Sendo que o nosso trabalho, pretende compreender como é que as estudantes do curso de E.E contornam os estereótipos que enfrentam pela sua opção pelo curso; sem querer menosprezar a escolha feita acima, também optamos pela abordagem qualitativa, na medida em que, nos permite fazer aprofundamentos relevantes.

A pesquisa qualitativa é a base sobre a qual comandamos o nosso estudo, e na óptica de Bogdan e Biklen (1994) caracteriza-se pelo seu carácter descritivo, sendo o ambiente natural a fonte dos dados, e o investigador o elemento fundamental para captar os significados que as pessoas dão as coisas e a sua vida. Estes autores afirmam que na pesquisa qualitativa, o pesquisador interessa-se mais pelos processos, do que simplesmente, pelos resultados ou produtos, procurando analisar os seus dados de forma indutiva e oferecendo importância vital ao significado que os actores dão as suas acções e a realidade que os circunda.

É assim que este tipo de pesquisa, nos permitiu compreender como as estudantes vivenciam os estereótipos sofridos em contexto universitário, e procurando captando os processos a que estas recorrem para contorna-los, com base nas percepções e estratégias de manipulação da identidade social.

3.2. Método de procedimentos

Segundo Marconi (2003), o método monográfico consiste em estudar, com profundidade determinado facto sobre todos os seus aspectos. Deste modo, com este método, vamos poder abordar a percepção social dos estudantes considerando a sua dimensão subjectiva, como nos propõem as teorias do estudo.

3.3. Técnicas de recolha de dados

A recolha de dados foi feita com base em duas técnicas, uma secundária e outra principal segundo a classificação de Quivy e Campenhoudt (1992). A secundária, que foi a primeira a ser utilizada, foi a bibliográfica a partir da qual iniciamos o nosso trabalho recorrendo a um conjunto de material bibliográfico (obras e artigos científicos) para a construção do problema, definição dos conceitos e escolha da teoria.

Quanto a principal técnica, foi utilizada um Guião de Entrevistas, pela natureza qualitativa do nosso estudo, e que nos conduziu ao aprofundamento da informação colhida. Ao longo das entrevistas procuramos, em cada entrevistada, aplicar todas as perguntas do nosso guião, mas em função das informações que estavam sendo facultadas por estas, vimo-nos na necessidade de introduzir novas perguntas. Estas entrevistas foram administradas na Faculdade de Engenharia, em função da disponibilidade do nosso grupo-alvo.

O grupo alvo é constituído apenas por estudantes do sexo feminino, do curso de E.E da UEM. Para localizar as estudantes, falamos com um amigo que frequenta o curso de E.E da UEM, tendo ele falado com elas, e posteriormente facultou-nos os contactos das colegas. Em seguida, contactamos as estudantes, tendo elas se disponibilizado prontamente para nos conceder as entrevistas, porém, colocaram a imposição de ter que se realizar as entrevistas em sede da F.E.

As estudantes interpeladas, indicaram-nos outras estudantes, pois tinham colegas na universidade que podiam nos conceder a entrevista. Salientar que, foi a técnica de bola de neve que nos possibilitou a localização da maior parte do nosso grupo alvo. Segundo Albuquerque (2009) a bola de neve é uma técnica amostral, que consiste em partir de um, dois ou mais indivíduos que são a priori conhecidos, para ter acesso a outros que poderão constituir membros da amostra. Esta

técnica foi-nos útil porque facilitou a localização de outras estudantes e a consecutiva aceitação das mesmas estudantes, uma vez que, éramos pessoas indicadas por colegas suas.

Localizadas as entrevistadas, o trabalho de campo foi realizado durante a primeira e segunda semana do mês de Novembro de 2015, na F.E⁴. No primeiro dia das entrevistas, entrevistamos três (3) estudantes. No segundo dia, entrevistamos duas (2) estudantes. As outras cinco (5) estudantes foram facultadas pelas colegas, tendo mantido contacto com as mesmas, e elas marcaram para a outra semana as entrevistas.

Fizemos uso do recurso ao telemóvel, pois o mesmo, foi fundamental para encurtar as distância e localizar os estudantes. As entrevistas tiveram uma duração média de quinze a vinte minutos para cada estudante, e tendo todas entrevistas sido gravadas e escritas com o consentimento das entrevistadas.

3.4. Delimitação do universo

O universo deste trabalho é composto por um total de 12 estudantes do sexo feminino, do curso de Engenharia Electrónica do 2º e 3º ano consecutivamente. Sendo que, 6 estudantes são do 2º ano e 6 estudantes são do 3º ano, de idades compreendidas entre 18 a 23 anos de idade. Dadas dificuldades apresentadas pelas estudantes, foram seleccionadas 10 estudantes, sendo 6 estudantes do 2º ano e 4 estudantes do 3º ano, tendo sido utilizado como critério de selecção, a acessibilidade e disponibilidade das entrevistadas.

3.5. Princípios éticos observados na recolha de dados

Schmidt (2008) defende que nas pesquisas qualitativas é fundamental que a participação na pesquisa seja voluntária, e não forçada. Nesse sentido, primeiro garantimos que a participação fosse totalmente voluntária. Este princípio fez com que não tivéssemos que insistir as estudantes a participarem do trabalho. Estas remarcavam continuamente as entrevistas depois de sucessivas faltas, porém, nós aguardávamos pacientemente pela confirmação e realização das entrevistas.

⁴ Localiza-se no Distrito Urbano de Ka Mubukwana, concretamente no Bairro de Luís Cabral na Av. De Moçambique.

Um outro princípio fundamental nas pesquisas qualitativas na visão de Schmidt (2008), é o anonimato dos participantes da pesquisa. O segundo princípio que aplicado está ligado ao anonimato. No início de todas as entrevistas advertimos as entrevistadas que não tinham obrigação de dizer os nomes, embora algumas tenham afirmado que não teriam nenhuma interdição caso fosse necessário. Assim, preferimos nem mesmo usar nomes fictícios, limitando-nos, ao longo do tratamento dos dados, a recorrer a designação de estudante, para nos referirmos as entrevistadas.

3.6. Constrangimentos do trabalho e formas de superação

Apesar de alguma facilidade tida para encontrarmos os primeiros cinco contactos, não foi fácil o processo de marcação das entrevistas. Tendo muitas das vezes as estudantes boicotado as secções de entrevistas. Porém, nós continuamos pacientemente esperando pela realização da mesma. Um outro constrangimento, tem a ver com os sucessivos atrasos das entrevistadas, isto é, quando chegasse a hora das entrevistas, as estudantes demoravam entre 30 minutos a 1 hora de tempo, para chegar ao local combinado (Bancos da F.E).

Neste caso em apreço, apenas nos limitamos a esperar pela vinda das mesmas. O último constrangimento tem a ver com a questão de algumas estudantes, não atenderem as nossas chamadas, e não responderem as nossas mensagens de texto, enviadas através do telefone celular, procurando saber quando é que faríamos as entrevistas.

Capítulo IV

4. Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados

No presente capítulo, procedemos com a apresentação e discussão dos resultados obtidos aquando da realização do trabalho de campo. Este capítulo está organizado em quatro secções. Na primeira secção, apresentamos os dados referentes ao perfil sócio-demográfico das entrevistadas. Na segunda secção, apresentamos os dados referentes aos estereótipos construídos no contexto universitário acerca da presença feminina no curso de E.E. Na terceira secção, apresentamos as diferentes percepções que as estudantes têm acerca dos estereótipos inerentes ao curso; Na quarta secção, expomos os dados referentes às estratégias que as estudantes usam para contornar os estereótipos inerentes ao curso.

4.1. Perfil sócio-demográfico das entrevistadas

Dedicamos este subcapítulo, a apresentação e descrição do perfil sócio-demográfico das entrevistadas, tendo em conta oito variáveis, nomeadamente: a idade, o estado civil, o nível escolaridade, a nacionalidade, a província de origem, província de residência, a profissão, e ano de ingresso. Devido a necessidade de organizar melhor os dados, trazemos a informação sintetizada no quadro que temos a oportunidade de ver a seguir.

Tabela 1: Dados Sócio-Demográficos

Nº	Idade	E.Civil	N.Escolar	Nacionalid.	P.Origem	P.Residê.	Profissão	A.Ingresso
1	18	Solteira	2º Ano	Moçambi.	C.Maputo	C.Maputo	Estudante	2014
2	21	Solteira	3º Ano	Moçambi.	P.Maputo	P.Maputo	Estudante	2013
3	18	Solteira	2º Ano	Moçambi.	P.Maputo	P.Maputo	Estudante	2014
4	19	Solteira	2º Ano	Moçambi.	C.Maputo	C.Maputo	Estudante	2014
5	19	Solteira	2º Ano	Moçambi.	C.Maputo	C.Maputo	Estudante	2014
6	23	Casada	3º Ano	Moçambi.	P.Maputo	C.Maputo	Estudante	2013
7	20	Solteira	2º Ano	Moçambi.	P.Maputo	P.Maputo	Estudante	2014
8	19	Solteira	2º Ano	Moçambi.	Gaza	C.Maputo	Estudante	2014
9	22	Solteira	3º Ano	Moçambi.	C.Maputo	P.Maputo	Estudante	2013
10	21	Solteira	3º Ano	Moçambi.	Inhamban.	C.Maputo	Estudante	2013

Fonte: Adaptado pelo autor.

Quanto a legenda da tabela acima é esta: Moçambi. (Moçambique); C.Maputo (Cidade de Maputo); P.Maputo (Província de Maputo); Inhamban. (Inhambane); E.Civil (Estado Civil); P.Origem (Província de Origem); P.Residê. (Província de Residência); N.Escolar (Nível Escolar); e Nacionalid. (Nacionalidade).

De acordo com os dados da tabela anterior, a idade média das entrevistadas é de 20 anos. A entrevistada com a idade mínima, é de 18 anos, enquanto a entrevistada mais velha (com a idade máxima) tem 23 anos de idade. Em função destes dados podemos afirmar que todas as entrevistadas encontram-se na faixa etária de jovem. O estado civil apresenta a disparidade, na medida em que, apenas uma (1) estudante é casada, e as outras (9) estudantes são solteiras. Este dado revela que o interesse pela E.E não se limita apenas a estudantes solteiras, mas também, a estudantes casadas.

No que concerne a variável do nível escolar, verifica-se que a maioria (6) das estudantes frequentam o 2º ano, enquanto a minoria (4) frequenta o 3º ano. Na quarta variável (nacionalidade), verifica-se uma uniformidade, na medida em que todas as estudantes são moçambicanas. Na quinta variável (província de origem), observamos que a Cidade de Maputo (4) e a Província de Maputo (4) são as mais apontadas como sendo a de proveniência, porém, identificamos a existência de outras províncias como, a de Gaza (1) e de Inhambane (1). Neste sentido, as nossas entrevistadas na sua maioria têm origem da região Sul de Moçambique.

Quanto a variável de província de residência, a Cidade de Maputo é mais apontada como sendo a que mais abarca estudantes para residirem. Quanto a sétima variável (profissão), constatamos que todas as nossas entrevistadas são estudantes. Quanto ao ano de ingresso, observamos que o ano de 2014 é o que mais se notabiliza como o que mais se ingressou.

De uma forma geral, podemos resumir o perfil das entrevistadas com as quais trabalhamos, afirmando que, trata-se de jovens do sexo feminino, que encontram-se maioritariamente na condição civil de solteiras e que ingressaram na UEM no ano de 2014. As estudantes são do Sul de Moçambique, sendo a maioria provenientes e residentes na Cidade e Província de Maputo.

4.2. Estereótipos construídos no contexto universitário acerca da presença feminina no curso de Engenharia Electrónica

Segundo Goffman (2004, p. 5) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos, considerados como comuns e naturais para os membros de cada categoria social. E os ambientes sociais estabelecem as categorias sociais de pessoas, que têm probabilidade de serem neles encontrados. Nesta secção, discutimos acerca dos estereótipos que são construídos em contexto universitário, acerca da presença feminina no curso de E.E.

Importa ressaltar que para este trabalho, fizemos uso do conceito de estereótipos a luz de Johnson (1997) e Lakatos e Marconi (2006), que defendem que são crenças rígidas baseadas no sexo, que servem para discriminar e oprimir socialmente os indivíduos, (neste caso as estudantes do curso de E.E da F.E da UEM), usando como base generalizações e especificações.

Nesse sentido, procuramos saber junto das estudantes que estão a frequentar o curso de E.E, quais são os estereótipos que conhecem e têm sofrido por causa sua opção pelo curso de E.E; e por parte de quem vêm sofrendo estes estereótipos. Quanto aos estereótipos que têm sofrido e conhecem, foi-nos dado os depoimentos seguintes:

“Na parte dos homens sinto muito isso. Deixe-me te contar algo, na minha casa quando eu disse que eu queria fazer este curso, meu pai e minha mãe, disseram que este curso é para homens, na tentativa de me persuadir a fazer outros cursos como eu fiz ciências com biologia, como por exemplo medicina”.
(Estudante do 3º ano)

“Eles dizem que nós não somos capazes de fazer os exercícios práticos, como fazer um programa, porque exige muito de cálculos; e também de desenhar algum instrumento de trabalho.”. (Estudante, do 2º ano)

Os depoimentos acima, dão a entender que os estereótipos estão presentes nas relações e interações dos estudantes dentro da F.E, concretamente no curso de E.E. isso porque, o espaço é tido como sendo de homens, porque a maioria são homens, e as mulheres a minoria. Segundo os depoimentos, os estereótipos estão ligados a questão de crenças rígidas e que discriminam a mulher baseando-se no género, e não tendo em conta as capacidades intelectuais. Os estereótipos fazem-se sentir, na medida em que, aquando da realização de trabalhos de grupo, os homens (estudantes do género masculino) empurram ou impõem que as estudantes façam ou realizem

trabalhos teóricos, que são tidos como tarefas de fácil realização, e por isso, cabendo as estudantes a sua realização.

Esta questão encontra suporte teórico em Goffman (2004) quando salienta que, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas, e os ambientes sociais estabelecem as categorias sociais de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados. E nesse sentido, os estereótipos surgem porque o ambiente social da F.E, está construído como um espaço eminentemente masculino, na medida em que, a maioria são homens, e as regras ali vigentes, como por exemplo, a questão da obrigatoriedade do uso das calças, mostram claramente que as mulheres não deveriam estar naquele espaço social.

Aqui também, está subjacente a questão cultural, isto é, como salienta Goffman (2004) a sociedade estabelece os meios que servem para categorizar os actores sociais, isto é, a socialização desempenha um papel fulcral para a existência desta categorização, na medida em que, as estudantes e os estudantes são ensinados em casa (socialização primária) que existem cursos de homens, e cursos de mulheres, e isso faz com que o mesmo se reflecta em espaço universitário, pois, de certa forma a socialização escolar (secundária), é continuação da socialização familiar (primária).

Cherkaoui (1997) defende que na sociedade moderna a escola tornou-se o agente socializador e legitimador por excelência dos conhecimentos de instituições tradicionais, como a família e a religião. Isto é, os estereótipos que as estudantes do curso de E.E, sofrem dentro do contexto social da F.E, é reflexo do que a sociedade como um todo, concebe como uma violação das expectativas, e por isso, o estereótipo pode ser visto como uma medida de controlo social⁵.

Podemos salientar, que a questão de se ver as estudantes, como incapazes de realizar actividades práticas, inerentes ao curso de E.E, não poderem saber desenhar, fazer um programa, apenas por serem mulher, e não por falta de capacidade físicas ou intelectuais, são os principais estereótipos identificados, nos depoimentos das entrevistadas. Esta incapacidade pode ser vista sob ponto de vista, de generalização e especificação. Isto é, generalização porque se leva a incapacidade de uma única estudante, e tem-se como sendo uma incapacidade de todas estudantes que estão

⁵ Berger (1986, p. 81) define controlo social como sendo, os vários meios usados por uma sociedade para enquadrar seus membros recalcitrantes.

naquele contexto social. Sob ponto vista de especificação, é quando se leva na incapacidade da maioria ou de um número considerável de estudantes, como sendo de todas estudantes.

Quanto a questão de, por parte de quem vêm sofrendo os estereótipos, foi-nos dado os depoimentos seguintes:

“Aqui sinto que os nossos colegas do sexo masculino, têm estereótipos para conosco. Sempre implicam conosco, por tudo ou por nada. Quanto aos docentes, eles apoiam, e nos ajudam muito, quando estamos com dúvidas, eles sempre esclarecem as dúvidas quando apresentamos”. (Estudante do 3º ano)

“Confesso que os nossos colegas são uns brutos. Nos trabalhos, eles são os que decidem tudo, e nós, por vezes tentamos nos rebelar e perguntar, o porque de não nos darem espaço, eles apenas se limitam, a dizer que se não queremos, é só sai do grupo, e assim, não temos muitas oportunidades”. (Estudante do 2º ano)

Dado aos depoimentos acima apresentados, podemos salientar que as estudantes sofrem os estereótipos por parte dos colegas estudantes do género masculino, pois, na visão das estudantes, os mesmo é que são os protagonistas dos estereótipos, na medida em que, estes têm expectativas de que naquele espaço não estejam mulheres, e como consequência, dois dos depoimentos (o primeiro e o segundo depoimento) demonstram que os colegas do género masculino, defendem que o espaço da F.E não é para mulheres, tanto que eles propõem que elas possam abandonar o curso, e irem cozinhar, ou optar por outros cursos, que de preferência sejam tido como sendo cursos femininos.

Este aspecto reflecte ao que Schutz (1979), chama de *estoque de conhecimento*, que é o conhecimento que toda a sociedade disponibiliza voluntariamente aos indivíduos, permitindo-lhes agir, interagirem e interpretam a sua realidade do *mundo vida* com base no que eles têm “à mão”. Isto é, os estudantes do sexo masculino reagem dessa forma porque eles já têm um conhecimento pré-concebido, de quem é que está habilitado a estar naquele lugar, e esta habilitação não vai de acordo com as capacidades intelectuais, mas sim, com o género dos estudantes desse curso. Estas expectativas, fazem com que os estudantes do sexo masculino, criem estereótipos acerca da presença feminina no curso de E.E.

Os depoimentos também salientam que, os docentes são vistos como os “anjos” da F.E, na medida em que, são estes os incentivadores, e auxiliares das estudantes que frequentam o curso de E.E, porque ajudam as estudantes a esclarecer as dúvidas que existem e as que não existem. Isto é, tendo em consideração que em sala de aula, os docentes dão uma atenção extrema as estudantes, chegando ao ponto de no fim de cada aula, o docente procurar saber por parte dos estudantes quem é que tem dúvidas, e quando não existe, os docentes voltam a perguntar, mas agora não a turma, mas sim, as estudantes, procurando saber se têm uma ou mais inquietações.

Olhando este facto ao de cima ou com leviandade, podemos não notar que os docentes nutrem ou têm um estereótipo para com as estudantes, na medida em que, dão atenção extrema em sala de aulas e fora da mesma. Nesse caso, podemos compreender que os docentes, percebem que as estudantes por serem estudantes do género feminino, não têm capacidades intelectuais iguais ou superiores aos estudantes do género masculino. No nosso entender, Schutz (1979) contribui de forma bastante para a discussão, quando traz a ideia central do estoque do conhecimento.

Aqui trazemos a ideia de reprodução cultural de Bourdieu (1986) e Passeron (1977) *apud* Giddens (2008), que entende-se como os modos como as escolas, conjuntamente com outras instituições contribuem para perpetuar as desigualdades sociais ao longo das gerações. Esta questão, nos chama atenção para meios pelos quais as escolas influenciam a aprendizagem de valores, atitudes e hábitos através do currículo oculto.

Aqui percebemos que os docentes, por causa do estoque do conhecimento que têm, e a questão de querer manter um currículo oculto (desigualdade social), eles procuram saber apenas das estudantes e não dos estudantes, se têm ou não dúvidas, porque estes partem do princípio de que as estudantes têm mais dúvidas e dificuldades que os estudantes, justamente por estas serem do género feminino, e por estarem num espaço compreendido como sendo de domínio masculino. E nesse sentido, de forma oculta continuam perpetuando, as desigualdades sociais, no contexto universitário.

4.3. Percepções que as estudantes têm acerca dos estereótipos inerentes ao curso

Dado aos depoimentos, foi possível identificar três tipos de percepções por parte das estudantes, no que concerne aos estereótipos inerentes ao curso de E.E. Nesse sentido, dividimos as percepções em estereótipo como uma construção social; estereótipo como uma barreira para aprendizagem; e estereótipo como forma de esconder a incapacidade dos homens. Para este trabalho, definimos o conceito de percepção social tendo em conta Berger e Luckmann (2003), que defendem que, é a interpretação subjectiva que os indivíduos fazem de uma determinada realidade, que é influenciada pelo contexto social e pela experiência que foram adquirindo ao longo do tempo.

4.3.1. Estereótipo como uma construção social

Berger e Luckmann (2003) defendem que o homem é resultado de um processo de socialização, onde exterioriza a sua subjectividade por meio de suas práticas, adquirindo de forma isolada o que os autores designam de hábitos. Isto é, aqui pretendemos mostrar o estereótipo como produto ou resultado, duma socialização dos indivíduos em sociedade, e não como algo inato. Quanto a questão do estereótipo como uma construção social, foi-nos dado os depoimentos seguintes:

“Na verdade o que está acontecendo aqui, é facto de se julgar o livro pela capa. Antes de entrar aqui, eu já havia ouvido que os cursos de engenharia são para homens, tanto que na minha família não tem nem uma engenheira, mas sim, dois engenheiros, sendo eu, a primeira mulher a fazer este curso”. (Estudante, 2º ano)

“Na minha casa, com o meu marido, ele as vezes me pergunta se eu realmente sou mulher, porque em casa, quando ele não está, ou quando ele não tem tempo, eu arranja o ferro de engomar quando se estraga, troco as lâmpadas, por vezes troco o óleo do motor do meu carro”. (Estudante, 3º Ano)

“As minhas amigas, com as quais sonhávamos fazer medicina, hoje me vem como uma mulher-homem. Por exemplo, quando elas têm um problema com seus computadores, me chama para eu ir trocar o Windows, e outras coisas relacionadas com programas de computadores”. (Estudante, 2º ano)

Procurando compreender os depoimentos acima transcritos, um primeiro aspecto é que nos trazem um entendimento de existem um leque de expectativas, que são criadas pelos estudantes e familiares com relação a ação das estudantes. Segundo Goffman (2004) as rotinas de relação social em ambientes estabelecidos, permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção especial. Isto é, em todos os espaços sociais e na sociedade em geral, são construídos expectativas que permitem o relacionamento com as pessoas de acordo com o sexo dos indivíduos, sendo estas expectativas enraizadas dentro das consciências individuais, através do processo da socialização, e como consequência, isso vai se reflectir no relacionamento dos estudantes em contexto universitário.

Goffman (2004) salienta que quando um estranho é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, isto é, a sua *identidade social*. Baseando-se nas pré-concepções, os actores sociais as transformam em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. Isto é, o facto de um pai ou marido estranhar quando a sua esposa troca uma lâmpada, ou faz um outro trabalho que, é concebido como sendo de homem, tem a ver com a questão de criação de expectativas que são inculcadas através da socialização.

O facto de haver uma interrogação quando uma mulher faz, um trabalho que é concebido como sendo de homem, tem haver também, com o que Schutz (1979) chama de *estoque de conhecimento*, que é o conhecimento que toda a sociedade disponibiliza voluntariamente aos indivíduos, permitindo-lhes agir, interagir e interpretar a sua realidade. Isto é, os homens, sabem o que se espera de cada um nos contextos sociais, e isso, é inculcado desde a socialização primária até a secundária.

4.3.2. Estereótipo como uma barreira para aprendizagem

Segundo Piletti (1999) aprendizagem é um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir. Nesse sentido, quanto a questão do estereótipo como uma barreira para aprendizagem, foi-nos dado os depoimentos seguintes:

“A existência de estereótipos na F.E não é boa, porque barram a existência de oportunidades iguais, no acesso a aprendizagem. As vezes em sala de aula, ou em trabalho em grupo, verifico que os colegas fazem de tudo para nós, não

respondermos os exercícios práticos, e isso, faz com que nós, nos sintamos limitadas”. (Estudante, 3º ano)

“O que acontece, faz com que haja uma limitação, na forma como nós aprendemos ou assimilamos as matérias. Em aulas práticas, vemos alguns colegas a procurar fazer de tudo, para que as colegas do sexo feminino do mesmo grupo, não realizem nenhum trabalho prático, porque eles dizem que as mulheres não são capazes de fazer. Posso afirmar, que é uma discriminação que não é boa, até parece um bulling”. (Estudante, 2º ano)

Salientar que, tanto num e noutra depoimento, defendem a existência de uma barreira para o acesso a aprendizagem, assimilação dos conteúdos leccionados em sala de aula. Berger (1986) salienta que os métodos para implementação do controlo social, varia de acordo com a finalidade e o carácter do grupo em questão. Podemos considerar que, o facto de os estudantes criarem um leque de barreiras, que se reflectem em aulas de tipo seminários e aulas práticas, tem a ver com a questão de se procurar restabelecer uma certa ordem, isto é, está na tentativa de mostrar as estudantes do género feminino que estão num lugar errado, e deveriam criar mecanismos de voltarem aos seus devidos lugares (cursos tidos como de mulheres, como por exemplo a medicina e as ciências sociais).

Em Goffman (2004) o estigmatizado está numa situação em que está inabilitado para a aceitação social plena em um determinado ambiente social. Neste caso, falamos de estudantes que têm uma característica/defeito (ser do género feminino), que constitui um estigma, na medida em que, é o que fará com que a estudante não tenha aceitação social plena, em determinados ambientes sociais (F.E), em que se tenha estabelecido que actores que tenham tal característica (do género feminino), não sejam encontradas nesses ambientes.

Podemos salientar que, as mulheres enfrentam barreiras no concernente a sua aprendizagem, justamente porque os estudantes agem, de acordo com os critérios pré-estabelecidos socialmente de que, não há possibilidade de se encontrar mulheres naquele ambiente social. Tendo em consideração que, aprendizagem é assimilação de novos padrões, novas formas de ser e estar, as estudantes quando sofrem os estereótipos, estão sendo impedidas de aprender e saber ser estar no ambiente dos engenheiros, o que vai contribuir de forma negativa na sua inserção sócio profissional.

4.3.3. Estereótipo como forma de esconder a incapacidade dos homens

Segundo Alves *et al* (2007) incapacidade pode ser medida por meio das escalas de dificuldade e dependência. Em geral, as escalas assumem duas formas padrão: o grau de dificuldade para realizar certas actividades, e o grau de assistência ou de dependência para realizar a actividade. A medida de dependência, avalia se uma pessoa necessita de ajuda ou se utiliza assistência para realizar uma actividade. Assim, um indivíduo é classificado como incapaz quando necessita de ajuda de outra pessoa ou não consegue realizar uma tarefa. E nesse sentido tivemos os seguintes depoimentos:

“Aqui dentro da Faculdade, não são apenas mulheres que não conseguem fazer os exercícios, mas também os homens. Ouvimos por vezes os docentes a dizerem que alguns dos colegas não deveriam estar aqui, porque são uma autêntica vergonha para Faculdade”. (Estudante, 3º ano)

“As humilhadas não são apenas as mulheres, por vezes os colegas do sexo masculino gozam-se entre eles, dizendo que um é mais burro que outro. Isso dá sensação de que não somos nós apenas que sofremos discriminação. Alguns dos colegas, quando queremos explicar-lhes alguma matéria que eventualmente não saibam, retraem-se e nos dizem que não temos capacidades de lhes explicar”. (Estudante, 2º ano)

Estes depoimentos deixam claro que o estereótipo não é algo inato (natural), mas é algo que pode ser visto e vivenciado, tanto pelas estudantes, como também pelos estudantes. Tendo em conta as nossas teorias (que são de ordem interacionista), podemos verificar que as estudantes do curso de E.E, têm possibilidade de compreender e interpretar as acções que se desencadeiam dentro da F.E.

Para Goffman (2004) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias, e espaços sociais. No caso da nossa discussão podemos considerar que na F.E não são esperadas pessoas do sexo masculino que sejam incapazes de realizar trabalhos ou actividades inerentes ao curso de E.E. Podemos considerar que os homens que estão fazendo o curso de E.E, e apresentam alguma incapacidade na realização actividades inerentes ao curso, podem ser considerados mulheres.

Procurando elucidar o exposto acima, Goffman (2004) defende que processo de estigmatização pode variar de acordo com a evidência e a exposição das características do indivíduo. E nesse sentido, caracteriza dois tipos de grupos de indivíduos de acordo com seu estereótipo: o desacreditado e o desacreditável. O indivíduo desacreditado possui características distintas em relação aos normais, sendo estas conhecidas e perceptíveis por estes. O desacreditável também possui características distintas das dos normais, mas nem sempre conhecidas e percebidas por eles. Essas duas realidades podem encontrar-se respectivamente na relação estigmatizados e normais.

Em outras palavras, podemos dizer que as mulheres fazem parte dos desacreditados, na medida em que no espaço da F.E, não se espera que existam mulheres, e que muito menos elas tenham as mesmas capacidades intelectuais que as dos homens. Sendo que os homens que tenham incapacidade em realizar actividades inerentes ao curso, podemos considerá-los desacreditáveis, na medida em que, estes possuem características distintas das dos normais, isto é, não têm capacidades de realizar trabalhos ou actividades inerentes ao curso.

Podemos também verificar que, alguns homens fazem uso do estereótipo de incapacidade feminina para esconderem algumas incapacidades que têm, na realização de algumas actividades inerentes ao curso. Nesse sentido, estes homens inferiorizam as estudantes, para poderem ter o controlo e domínio do perigo de se saber que têm alguma dificuldade, que socialmente está estabelecido que não deveriam ter. Goffman (2004) afirma que aqueles que são tidos como sendo os normais (homens) constroem uma teoria do estigma. Eles constroem uma ideologia para explicar a inferioridade das pessoas com um estereótipo, e para ter controlo do perigo que ele (estereótipo) representa.

Goffman (2004) acredita que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm para com o estranho que aparece a sua volta, portanto, são exigências e imputações de carácter, feitas pelos normais, quanto ao que o estranho deveria ser. Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

No nosso entender para os estudantes do género masculino, o estereótipo surge pela discrepância entre a identidade real (o que o estudante prova ter) e virtual (o que se espera que o estudante têm). Isto é, espera-se que os estudantes do género masculino, não apresentem dificuldades em matérias ou actividades inerentes ao curso de E.E, na medida em que, é um espaço definido como de domínio eminentemente masculino. E quando este estudante apresenta dificuldades, ele automaticamente sofrerá estereótipos, e nesse sentido, de tudo faz para que não sejam descobertas as suas dificuldades inerentes as matérias escolares.

O fundamental aqui, é compreender que normais e estereotipados, são perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contactos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente actuam sobre o encontro.

4.4. Estratégias de manipulação da identidade social que as estudantes usam para contornarem os estereótipos inerentes ao curso

Concatenados os dados acima, chegamos ao cerne deste trabalho, na medida em que, é aqui que nós procuramos compreender as estratégias, que as estudantes do curso de E.E utilizam para contornarem os estereótipos que enfrentam, derivado da sua escolha pelo curso. Dividimos esta secção em duas subsecções, a primeira aborda acerca da necessidade de criação de estratégias de manipulação da identidade social para contornar os estereótipos pelas estudantes do curso de E.E, e a segunda subsecção, aborda acerca das estratégias de manipulação da identidade social adoptadas pelas estudantes do curso de E.E.

No entanto, entendemos como *estratégias de manipulação da identidade social*, um conjunto de acções alternativas, que surgem como resposta a alguma restrição pela não satisfação de expectativas baseadas nas diferenças entre os sexos e na tradição (estereótipo) imposta pelas condições objectivas do contexto social específico, e que são produto de acções conscientes e orientadas para determinados fins ou objectivos. (Sant'Ana e Artigiani, 2002)

4.4.1. Necessidade de adopção de estratégias de manipulação da identidade social para contornar os estereótipos pelas estudantes do curso de E.E

Segundo Mesquita (2010), necessidade é aquilo que é inevitável, imprescindível, fundamental, que tem grande importância, que deve ser feito ou cumprido por acção, imposição ou obrigação. Importa salientar que, no que tange a este aspecto, foi-nos dado os seguintes depoimentos:

“Aqui na faculdade, quando se entra, também se quer sair. Tendo em conta que queremos terminar o curso, temos que usar todas as nossas forças, e capacidades para conseguir, porque caso contrário, não vamos conseguir terminar o curso”. (Estudante, 3º ano)

“A vontade é de terminar logo o curso, e partir para o mercado de trabalho. Sabemos que é preciso fazermos algo a mais para sair, e nós pensamos quase em tudo para sair desse sufoco que é estudar aqui”. (Estudante, 2º ano)

Os depoimentos ilustram de forma clara, a existência de uma necessidade para terminar o curso com algum sucesso, e para isso, as estudantes procuram adoptar diversas estratégias para sair da faculdade. Interpretando estes depoimentos, de acordo com Schutz (1979), podemos considerar que as estudantes têm um estoque de conhecimento à mão, e nesse sentido desencadeiam uma acção racional, com propósitos ou objectivos bem definidos. Este facto, faz-nos compreender que as estudantes têm conhecimento e sentem a existência de estereótipos no contexto universitário, e este facto, faz com que procurem encontrar estratégias para contornar os estereótipos e fazerem o curso com sucesso.

Schutz (1979) também avança os *motivos porque e para que*, que de forma clara demonstram a as motivações que levam as estudantes a procurar encontrar estratégias, e também, a sua pretensão ao adoptar estas estratégias. Isto é, os motivos porque das estudantes é a existência de estereótipos que condicionam a realização do curso com algum sucesso; e os motivos para que, é o objectivo que as estudantes têm, que é terminarem o curso com algum sucesso. Segundo Goffman (2004), mediante a situação de não-aceitação social, derivado de estar num ambiente social hostil, o estereotipado procura adoptar um conjunto de estratégias com vista a manipulação a sua identidade social. Goffman (2004) e Schutz (1979) concordam no que tange, a

necessidade de adopção de estratégias para que as estudantes possam contornar os estereótipos que sofrem dentro do contexto universitário, como forma de fazerem o curso com algum sucesso.

4.4.2. Estratégias de manipulação da identidade social adoptadas pelas estudantes do curso de E.E.

Depois de termos abordado a questão da existência de uma necessidade de adopção de estratégias para a manipulação da identidade social, importa do momento abordarmos efectivamente acerca das estratégias de manipulação da identidade social que as estudantes usam, para contornar os estereótipos dentro da F.E.

Nesse sentido, importa definir o que entendemos por identidade social. Segundo Goffman (2004) identidade social é o conjunto de atributos que foram criadas e que caracterizam uma determinada categoria social, isto é, o facto de se dizer que as mulheres são incapazes (atributo) apenas por elas serem mulheres (pertencem a categoria social de mulher). Estes atributos são um constructo social, na medida em que são construídos nas relações sociais, e abarcam um conjunto de expectativas normativas, acerca de um determinado actor social.

A seguir abordaremos acerca das estratégias que visam manipular o que se espera das estudantes do curso de E.E, por serem elas mulheres. E nesse sentido, uma das estratégias apontadas pelas estudantes como forma de contornar o estereótipo, é o de *tentar corrigir a sua condição de maneira indirecta*. Goffman (2004) defende que nesta estratégia, o indivíduo estereotipado para tentar corrigir a sua condição, dedica um grande esforço individual ao domínio de áreas de actividade consideradas, geralmente, como fechadas, por motivos físicos e circunstanciais.

“Uma das formas que eu uso para contornar os estereótipos que eles têm, acerca de mim, é de eu me esforçar em estudar, em grupo de amigas colegas, faço trabalhos individuais, trabalhos para casa. Ano passado não tinha, mas agora tenho um explicador que é Engenheiro Electrónico, e ele me ajuda muito com as dúvidas e trabalhos”. (Estudante do 2º ano)

“Por vezes não durmo, faço aquilo que os meus colegas chamam de directa, a fazer trabalhos e a procurar pesquisar mais, acerca de matérias que ainda iremos tratar. Por exemplo, agora estamos para fazer exames

normais, e a ideia aqui é esforçar-me para ver se não chumbo nenhuma cadeira neste segundo semestre. Eu falo especificamente de estudar muito”. (Estudante do 3º ano)

Aqui aponta-se a questão das estudantes terem que esforçar-se muito, para surpreenderem pela positiva nos testes e trabalhos dados na faculdade. Compreendemos que esta estratégia de manipulação da identidade tem a ver, com a questão de estudantes quererem mostrar que não é pelo facto delas serem mulheres, que não podem conseguir boas notas e fazer o curso com algum sucesso, mas sim, o que determina o sucesso ou insucesso em teste escritos e práticos é o empenho e a dedicação aos estudos. A estratégia está em justamente procurar mostrar que elas são capazes de realizar trabalhos ditos masculinos, para que não sejam menosprezadas apenas por serem mulheres.

Uma outra estratégia que Goffman (2004) salienta, está relacionada com o estereotipado usar, provavelmente, o seu estereótipo para *ganhos secundários*. Isto é, a estudante estereotipada pode utilizar sua aparente desvantagem, como uma base para organizar sua vida, mas para consegui-lo deve-se resignar a viver num mundo incompleto. O depoimento a seguir, ilustra bem este aspecto:

“Há algo interessante que acontece em sala de aula. O docente gosta muito quando as estudantes dizem que têm dúvidas. Sendo que o docente prefere esclarecer a uma estudante, do que a um estudante, limitando-se a dizer ao estudante do sexo masculino, vai investigar”. (Estudante do 3º ano)

“Aqui a ideia é fingir que não sei, que não entendo, e que tenho me esforçado muito para saber. E nesse sentido, quando estou em sala de aula, apresento muitas dúvida e o docente vê que estou sempre nas aulas e tenho sempre dúvidas”. (Estudante do 2º ano)

Estes depoimentos ilustram de forma clara e convincente, o que Goffman (2004) chama de estratégia de ganhos secundários. No que tange, ao fazer uso do estereótipo como uma estratégia para ganhos secundários, nos dá a compreender que, as estudantes têm o conhecimento de que os docentes têm ou dão uma maior atenção para elas, relativamente ao estudantes do género masculino, exactamente por elas serem justamente mulheres. Por via disso, as estudantes aproveitam-se do facto de saber que os docentes as têm como pessoas frágeis, e incapazes de

realizar grandes cálculos por serem mulheres; e fazem questões mesmo não tendo, apenas para chamar atenção, e ganhar uma ponderação no fim do semestre.

Aqui compreendemos claramente que, as estudantes dizem que os docentes não têm estereótipos, mas quando analisados a fundo os seus depoimentos mostram que, existem estereótipos por parte de todos docentes, razão pela qual, tanto docentes do género masculino e feminino, dão maior atenção as estudantes em sala de aula, do que aos estudantes do género masculino.

Uma outra estratégia notável, nos depoimentos das estudantes é o *encobrimento*. Segundo Goffman (2004) o encobrimento é apresentar os signos de seu estereótipo, como signos de um outro atributo que seja um estereótipo menos significativo. Trazemos os depoimentos abaixo:

“Uma das coisas que eu faço é pedir explicação nos colegas do 4º ano, para me explicar, e por vezes eles cobram algum valor. Alguns colegas até gostam de nos explicar, porque acham que é por ser mulher que não entendemos a matéria, e por isso, precisamos de ajuda”. (Estudante do 3º ano)

“Na faculdade, os colegas as vezes querem que nos humilhemos muito, as vezes quando pedimos, eles nos cobram dinheiro, e não temos outras alternativas, temos que pagar, e aceitar que não sabemos, como forma de mostrar que queremos estudar, e entender a matéria”. (Estudante do 2º ano)

A estratégia do encobrimento implica que, a estudante apresente os signos de seu estereótipo, como signos de um outro atributo que seja um estereótipo menos significativo. Isto é, a estudante ao pedir aos colegas a explicação é menos constrangedor que elas, baterem de frente com os colegas, ou tirarem negativas nos testes. Os depoimentos mostram que é melhor, pedir explicação, do que tirar negativas nos testes. Podemos considerar que ao pedir explicação, as estudantes pedem porque não sabem, querem mostrar que querem estudar, e não porque não sabem ou não entendem as matérias.

Considerações Finais

Desenvolvemos este trabalho com o objectivo de explorar como é que estudantes que estão fazendo cursos tidos como de homens, contornam os estereótipos inerentes ao curso, e conseguem fazê-lo com sucesso, onde tomando como caso as estudantes do curso de E.E da F.E e as estratégias que estas adoptam face a prática dos estereótipos. No trabalho partimos do postulado segundo o qual dentro da F.E existem estereótipos relacionados com a presença feminina naquele espaço, e como inquietação procuramos saber de que forma as estudantes fazem para contornar os estereótipos, para fazerem o curso com sucesso.

Como forma de responder ao problema colocado, afirmamos como hipótese, que as estudantes do curso de Engenharia Electrónica (E.E), para contornar os estereótipos que são construídos no contexto universitário a volta da sua opção pelo curso, agem de acordo com o conhecimento que têm sobre a situação social em que se encontram e seus interesses, adoptando estratégias de manipulação da identidade social na Faculdade de Engenharia (F.E).

Os dados recolhidos permitem-nos tirar algumas ilações no que tange a validação desta resposta antecipada. Primeiro importa salientar que, as estudantes defendem que existe dentro da F.E uma construção de estereótipos derivadas do tipo de socialização que os estudantes têm, que é de tipo patriarcal. As estudantes sentem os estereótipos, quando estão a fazer trabalhos em grupo, onde os estudantes do género masculino, dão os trabalhos de índole teórico as estudantes do género feminino, dado que são frágeis, e a maioria dos estudantes que compõem os grupos de estudos da F.E e do curso de E.E são do género masculino.

O segundo aspecto a salientar, têm a ver com a questão das percepções que as estudantes têm dos estereótipos existentes dentro do contexto universitário da F.E, concretamente no curso de E.E. onde as estudantes defendem que os estereótipos podem ser, percebidos como uma construção social, como uma barreira a aprendizagem, e também, como uma forma de esconder a incapacidade dos homens.

Como construção social, as estudantes salientam que a questão da socialização dentro do contexto familiar é muito fundamental, na medida em que esta é a responsável pela forma de pensar e ver as coisas. Como barreira para aprendizagem, as estudantes defendem que o facto dos estudantes do género masculino, negarem que as estudantes do género feminino realizem algumas actividades, faz com que as estudantes não se abram, e aprendam aspectos fundamentais

para a realização do curso de E.E., por fim, o estereótipo como forma de esconder a incapacidade dos homens, as estudantes defendem que na F.E existem estudantes do género masculino que têm incapacidades que supostamente não deveriam ter, e para esconder esta incapacidade, os estudantes inferiorizam as estudantes pelo facto de serem do género feminino, e supostamente não deveriam estar naquele espaço.

Quanto ao último aspecto debruçado neste trabalho, que é tocante as estratégias de manipulação da identidade social, usadas pelas estudantes do curso de E.E, para contornarem os estereótipos. Em primeiro lugar, apresentamos a questão da existência da necessidade de criação de estratégias e, por fim, apresentamos as estratégias utilizadas pelas estudantes.

No tocante a necessidade de adopção de estratégias para contornar os estereótipos sofridos em contexto da F.E, as estudantes salientam que dadas as condições apresentadas pela F.E, que é dum ambiente social hostil, e também, tomando em consideração que, as estudantes têm como objectivo principal, a realização e culminação dos estudos com sucesso, elas sentem-se encurraladas, e como consequência, acabam por adoptar estratégias de manipulação da identidade social, como forma de contornar os estereótipos sofridos. Quanto as estratégias de manipulação da identidade social, utilizadas pelas estudantes, são: tentar corrigir a sua condição de maneira indirecta; ganhos secundários; e encobrimento.

Com este trabalho, pudemos compreender que existem vários factores que contribuem para a construção de estereótipos acerca da presença da mulher, em contextos tidos como tradicionalmente de homens. Compreendemos também, o contexto universitário é visto como isento de manipulações sociais, na medida em que é tido, como um local de produção do conhecimento, que se quer isento de qualquer preconceito. Porém, pudemos constatar que, na F.E existe uma constituição dos ensinamentos transmitidos em contexto familiar, na medida em que, desde os alunos até aos professores/decentes de ambos géneros, verifica-se a existência de estereótipos para com a presença de estudantes do género feminino neste curso.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. *Avaliação da técnica de amostragem “respondent-driven sampling” na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2009
- ARTIGIANI, Eduardo Lombard & ARRAES, Nilson António Modesto. *O Estudo De Estratégias De Produtores Rurais*. S.d
- ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 7ª Edição. São Paulo: Atlas. 2006
- ANTÓNIO, Elisa & HUNGUANA, Carolina. *Relatório Do Estudo Sobre Género No Ensino Superior Em Moçambique*. Maputo: DICES-MINED. 2013
- BARBOSA, Fátima Maria Ferreira. *A influência do Género na Escolha profissional*. Monografia de Graduação, Bacharel em Ciências Sociais/ UFRPE, Recife, 2008.
- BERGER, Peter L. *A perspectiva sociológica – A sociedade no Homem*, in *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*, Editora Vozes, Petrópolis, 1986 p. 106-136
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 23ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2003
- BOGADAN, Robert & BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto editora. 1994
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 1989
- CABRAL, Francisco & DÍAZ, Margarita. *Relações de género*. in: Secretaria Municipal De Educação De Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. *Cadernos afectividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.
- CARVALHO, Virgínia. *Interaccionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos organizacionais*. VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. 2010
- CHERKAOUI, Mohamed. *Sociologia da Educação*. 2ª Edição. Publicações Europa – América. 1994

Conselho Pedagógico do Departamento De Sociologia. *Técnicas e Normas de Elaboração do Projecto e Trabalho do Fim do Curso*. Maputo: UEM. 2009

DOS SANTOS, Aline Coelho et al. *A Influência Do Género Na Escolha Profissional De Pré-Vestibulandos: Estudo De Caso Na Cidade De Criciúma/Sc*. S.d

DURKHEIM, Émile. *Representações Individuais e Representações Colectivas*, in: *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas. 1989

FILHO, Geraldo Inácio. *A Monografia na Universidade*. 6ª Edição. São Paulo: Papiros Editora. 2003

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. 2008

GIL, António. *Métodos e Técnicas De Pesquisa Social*. 5ª Ed, São Paulo: Editores Atlas. 2007

GOFFMAN, Evering. *Notas Sobre A Manipulação Da Identidade Deteriorada*. 4ª Edição, Editora Vozes. 2004

HALL, Peter. *Interaccionismo e o Estudo da Organização Social*. *Sociologia Trimestral*, 28, 1-22. 1987

JOHNSON, Allan. G. *Dicionário de sociologia: guia da linguagem sociológica*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

KANTER, Rosabeth Moss. *Interaccionismo Simbólico e Perspectivas Epistémicas*. *Inquérito Sociológico*, 42, 77-92. 1972

LAKATOS, Maria Eva & MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral*. 7ª Edição. São Paulo: Atlas. 1999

LOBO, Cristina, *Os Congressos de Sociologia em Portugal, Sociologia-Problemas e Práticas*, nº 20, 1996. pp. 113-130.

MACAMO, Elísio. *A leitura sociológica: um manual introdutório*. Maputo: Imprensa Universitária. 2004

MAIA, Rui Leandro. *Dicionário de sociologia: dicionários temáticos*, Portugal: Porto Editora, 2002.

- MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª Ed, São Paulo: Editora Atlas. 2003
- MESQUITA, Afonso Mancuso. *Os conceitos de actividade e necessidade para a Escola Nova e suas implicações para a formação de professores*. Editora Unesp. 2010
- NASCIMENTO, Márcia et al. *Análise Sociológica: Factores De Influência No Processo De Escolha Pelo Curso De Pedagogia Da UFPE*. Pernambuco. S.d
- NOGUEIRA, Conceição & SAAVEDRA, Luísa. *Estereótipos de Género. Conhecer para os transformar*. Minho: Universidade do Minho. S.d
- PINTO, Ana et al. *Um estudo sobre a influência do género em funções tradicionalmente masculinas e femininas*. Porto: RICOT. 2014
- QUIVY, Raimond & CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª Edição, Col. Trajectos, Lisboa: Gradiva. 1998
- _____. *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradim – Publicações, 1992.
- RODRIGUES, Jorge & DUARTE, Manuela. *Responsabilidade Social e Ambiental das Empresas*. Lisboa: Escolar editora. 2012
- SAAVEDRA, Luísa. *Assimetrias de Género nas Escolhas Vocacionais*. Lisboa:CIG. 2009
- SANTOS, Anelise Schaurich et al. *De Pai Para Filho: A Escolha Profissional Dos Jovens E A Influência Da Profissão Dos Pais*. S.d
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar Editoras. 1979
- SCHMIDT, Maria Luisa. *Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas*. in: GUERRIERO, Iara Coelho Zito et al. *Ética Nas Pesquisas Em Ciências Humanas E Sociais Na Saúde*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores Ltda. 2008
- STERNBERG, R: *Psicologia Cognitiva*, Artmed Periódicos. 2002

SANT'ANA António Lázaro & ARTIGIANI, Eduardo Lombard. *Análise das estratégias dos produtores familiares em duas regiões do Estado de São Paulo*. CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 2002, Porto Alegre, Anais

TOURAINÉ, Alain. *O retorno do actor: ensaio de sociologia*. Tradução de Armando Pereira da Silva, Lisboa: Instituto Piaget. 1974

ANEXO

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Guião de Entrevistas

Hora de Inicio: H: Min

Texto de Apresentação

Chamo-me Stélio Luís Macamo, estudante do 4º Ano do Curso de Licenciatura em Sociologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Estou fazendo um trabalho de pesquisa, com o objectivo de compreender como é que as estudantes do curso de Engenharia contornam os estereótipos construídos a volta da sua opção pelo curso para conseguirem fazê-lo com algum sucesso. Deste já, quero pedir a sua colaboração, respondendo por completo as perguntas deste guia de entrevistas. Porém, a Sra tem o direito de não aceitar responder, mas, peço a sua colaboração, pois a mesma é crucial para a realização deste trabalho de pesquisa.

Idade:.....

Estado Civil:.....

Nível de Escolaridade:.....

Nacionalidade:.....

Local de Proveniência:.....

Local de Residência.....

Profissão:

Ano de Ingresso

SECÇÃO - I

Objectivo: Indicar os estereótipos⁶ construídos acerca da presença feminina no curso de Engenharia Electrónica.

1. Quais são os estereótipos que conhece e tem sofrido por causa da sua opção pelo curso que está fazendo?
2. Por parte de quem tem sofrido os estereótipos?

SECÇÃO - II

Objectivo: Captar as percepções que as estudantes têm acerca dos estereótipos inerentes ao curso.

1. O que você acha desses estereótipos que existem acerca da sua opção pelo curso que está fazendo?

SECÇÃO - III

Objectivo: Identificar as estratégias que as estudantes usam para contornar os estereótipos e inerentes ao curso.

1. O que tem feito para ultrapassar os estereótipos que tem sofrido?

NB: AS RESPOSTAS SERÃO ESCRITAS NAS FOLHAS EM ANEXO.

Assinatura da Entrevistada

Hora do Fim: H:Min

Muito Obrigado!!!

⁶ São crenças rígidas baseadas no género, que servem para discriminar e oprimir socialmente os indivíduos.